BOLETIM
PROEALC
Centro de Ciências Sociais / CCS - Setembro-Outubro de 2001 - ISSN 2175-9103 08
8

Boletim Número 08
Data: Setembro-Outubro/2001

EDITORIAL

O oitavo número do periódico bimestral do Programa de Estudos de América Latina e Caribe chega à comunidade após o episódio de 11 de setembro, que modifica as relações no plano internacional, aprofundando e ampliando os níveis de dependência em relação ao poderio norte-americano, que vem coagindo todo o planeta a um alinhamento obrigatório com a sua posição. O mundo se vê frente a uma nova guerra, onde os interesses em jogo, apesar de não envolverem diretamente os países latino-americanos, trarão graves conseqüências para as nações dessa parte do globo.

Agora, com a escalada militar do conflito e a histeria coletiva em todo o ocidente disseminada pelo governo estadunidense, não sabemos quais serão as próximas vítimas. Os porta-vozes do Império deixam claro que qualquer nação que ouse discordar de sua política unilateral para os destinos do mundo são potenciais inimigos, podendo ser alvos de represálias econômicas e militares.

A satanização do islã aparece na mídia como uma nova cruzada, comandada pelos EUA. Não há mais, como no passado, a necessidade da conquista da "terra santa": esta já se encontra sob o poder de seu aliado sionista, mantida a ferro-e-fogo, sob o genocídio do povo palestino, a despeito de todas as resoluções da ONU - tão rapidamente atendidas quando proferidas contra o Iraque ou a Sérvia - ignoradas completamente quando dirigidas aos desmandos de Israel. Esta cruzada contemporânea foi declarada contra o "terrorismo" - conceito este que pode representar tudo aquilo que queiram os interesses imperialistas do Tio Sam.

A "verdade" imposta do pensamento único neoliberal aparece mais radicalizada que nunca: não só as premissas do capital e do liberalismo passam por inquestionáveis, como agora também o próprio direito, soberano e legítimo, das nações se auto-governarem e se posicionarem de forma independente face aos acontecimento internacionais está seriamente ameaçado.

Os países da América Latina e Caribe não devem aceitar a coerção do Império norte-americano. Sem uma política externa independente se tornam impossíveis governos soberanos e inviável o princípio da autodeterminação dos povos. As nações latino-americanas, que ingressam no séc. XXI mais pobres e desiguais que nunca, graças aos ajustes neoliberais, não podem se curvar a essa nova manifestação do pensamento único; devem, sim, se posicionar de acordo com seus interesses, não cedendo às ameaças da maior máquina de guerra (e destruição) do planeta. Esse início de milênio traz a possibilidade de uma maior inserção da América Latina no cenário internacional. Essa oportunidade não pode ser desperdiçada. Não podemos nos furtar do debate sobre os caminhos que o subcontinente deve trilhar: continuar como uma colônia ou ter governos que realmente defendam os interesses de sua população. Só assim teremos uma verdadeira democracia, e não aquela "democracia" e aquela "liberdade", em tudo prejudiciais a nós, propalados pela potência imperialista do norte.

Silene de Moraes Freire e Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

Em Foco I

Entrevista com Marilda Villela Iamamoto



•No mês de novembro, a professora Dra. Marilda Villela Iamamoto, um dos maiores expoentes do Serviço Social na América Latina, autora de significativas produções na área, concedeu entrevista exclusiva ao nosso Boletim.

PROEALC – Sabemos que o Serviço Social tem um desenvolvimento particular na América Latina, sobretudo no Cone Sul, que gerou o movimento de Reconceituação da profissão. Entretanto, hoje são poucas as informações que temos da categoria nessa região. Como você analisa os desdobramentos desse movimento e o Serviço Social no atual contexto latino-americano?

Marilda Iamamoto - O movimento de reconceituação surge num contexto histórico particular da América Latina: o desdobramento da revolução cubana; a preocupação com o desenvolvimento latino-americano nas ciências sociais e no Serviço Social. Posteriormente, em 1965, ocorre o Seminário de Porto Alegre - que é considerado como um marco inicial do Movimento de Reconceituação- e um redimensionamento do papel da Igreja na América Latina e também das lutas da universidade latino-americana na defesa da autonomia, da preocupação da pesquisa latino-americana. Foi um momento em que a questão da América Latina perante a dependência dos Estados Unidos estava colocada como questão central, e o Serviço Social (assim como as Ciências Sociais, a Universidade, a Igreja, os Movimentos Sociais) busca conhecer a realidade latino-americana e realizar um projeto profissional latino-americano. Foi nesse espírito que se desencadeou o Movimento de Reconceituação, num primeiro momento numa linha claramente desenvolvimentista e posteriormente crescendo a influência de uma tendência mais crítica - da teoria social crítica - que inclusive ultrapassa o Cone Sul tendo um protagonismo importante do Chile, que vivia um momento de transição, e também em outros países como o Peru, com a reforma agrária. Ou seja, foi um movimento iniciado no Cone Sul que depois se radicalizou nos outros países latino-americanos, sendo exatamente nesse momento que o Serviço Social latino-americano , através do Centro Latinoamericano de Trabajo Social - CELATS -, articula uma coordenação latino-americana que impulsiona o Movimento de Reconceituação. Esse momento que demarca novas formas de lutas sociais nos países de língua espanhola é muito diferente do momento brasileiro. Em 1964, o Brasil rapidamente entra na ditadura militar e, consequentemente, o rumo do Serviço Social neste período em nosso país irá se diferenciar muito do rumo do Serviço Social latino-americano. A linguagem é diferente, as temáticas são diferentes. O Movimento de Reconceituação foi de fato uma unidade de diferenças, em função das particularidades dos contextos nacionais. O Serviço Social brasileiro caminhou numa linha mais tecnocrática, que podemos observar no Documento de Araxá (1967) e no Documento de Teresópolis (1970). Melhor dizendo, preocupação com o processo de desenvolvimento e a ratificação do modelo econômico implantada no pós-64, acabam influenciando numa linha mais tecnicista, na preocupação com as técnicas, com o planejamento, com o instrumental da profissão. Como diz o professor José Paulo Netto, o Serviço Social brasileiro, impedido de se questionar socialmente, se questiona metodologicamente. É interessante situar isto porque me parece que hoje o movimento é um pouco reverso, porque contraditoriamente a ditadura viabilizou o desenvolvimento do Serviço Social, através do ingresso na universidade, do estímulo à pesquisa, do crescimento da pós-graduação. O Serviço Social brasileiro sofre um processo de consolidação acadêmica: cresce o mercado editorial, cresce a pós-graduação, o mestrado, o doutorado; movimento esse, acadêmico, que não foi acompanhado pelos países de língua espanhola no mesmo ápice de tempo. O desdobramento disso é o seguinte: o Serviço Social brasileiro se consolida. Passa a ter, depois dos anos 80, com a abertura democrática, uma produção muito mais madura academicamente e politicamente do que nos outros países. Tem-se todo o processo de renovação do Serviço Social brasileiro e uma preocupação muito interessante numa linha de reconhecimento de fazer a diferença entre a militância e a

profissão , que são dimensões correlatas mas são dimensões distintas, e o Serviço Social brasileiro chega nos anos 90/2000 com o papel de efetiva liderança no Serviço Social latino-americano. O movimento, que num primeiro momento da Reconceituação, encontrou nos países de língua espanhola um tom crítico do Serviço Social latino-americano, tem nos anos 80/90 o seu papel invertido, onde o Brasil passa a dar o tom mais acadêmico-crítico da leitura do Serviço Social latino-americano.

Quanto aos desdobramentos do Movimento de Reconceituação nos países de língua espanhola, posso dizer que tenho mais contato com a Argentina, onde no ano passado eu assessorei a Universidade Nacional de La Plata, na revisão curricular, e tive uma oportunidade de entrar em contato com o debate latino-americano. Parece-me que, especialmente na universidade, o Serviço Social argentino é muito próximo do Movimento de Reconceituação dos anos 65/75, ou seja, essa pouca receptividade e apreensão do Serviço Social como uma profissão, que trabalha ao nível do Estado, das empresas, das organizações não governamentais. O que se percebe principalmente entre os alunos, no movimento estudantil e também no segmento dos professores é quase que um Serviço Social somente vinculado ao movimento social do trabalho popular, em que se desconfia da possibilidade da ação do Serviço Social no Estado, das organizações públicas governamentais, ou seja, quase que um Serviço Social fora do mercado de trabalho, o que me impressionou muito. Mais por outro lado, o contexto do Serviço Social, especialmente na Argentina, passa a sofrer uma forte influência da pós-graduação no Brasil, e isso também hoje, com dissertações de mestrado, com as teses de doutorado, faz crescer também o mercado editorial argentino com uma forte influência do Serviço Social brasileiro. É difícil falar sobre a América Latina como uma totalidade. O Chile teve outros caminhos, pois ele teve um papel "pioneiro" na América Latina na radicalização do modelo neoliberal e essa radicalização acarretou numa clara regressão do Serviço Social no Chile. O que eu quero destacar é que hoje percebo que o Brasil representa a maior massa crítica do Serviço Social latino-americano, diante dos demais países. O Peru teve um momento áureo até o início dos anos 80, com o CELATS que é um organismo internacional vinculado à Associação Latino-americana de Escolas de Serviço Social, à ALAESS, e que depois também se desarticulou, se fragilizou. Na atualidade eu acho que o Serviço Social latino-americano começa a se rearticular, como exemplo, podemos mencionar alguns encontros realizados no Peru, no ano passado; com o movimento da Argentina, num outro momento, de busca de maior qualificação de formação de mestres e doutores nos seu quadros acadêmicos, e também o movimento que o Brasil vem realizando em termos de promover uma maior afinidade na literatura da profissão na região, movimento hoje já mais consolidado, ao contrário do que ocorreu no início no processo de reconceituação.

PROEALC – Como a vertente Marxista se desenvolveu no Serviço Social do Cone sul?

Marilda – O início do Movimento de Reconceituação no Cone Sul é impulsionado pela chamada "geração 65" , que contou dentre outros com Seno Cornely, Ander-Egg, Maria Lúcia Carvalho. Esse grupo era uma geração de inspiração marxista, de inspiração desenvolvimentista. Eu acho que a ruptura com essa geração se dá em 1971, no encontro em Ambaco, no Equador, ou mesmo antes, num encontro que teve no Uruguai, se eu não me engano, nos anos 70. Tem-se uma nova geração à época, formada pela professora Leila Lima Santos, pelo professor Vicente de Paula Faleiros, que nesse momento vivia no Chile; pelo grupo de Belo Horizonte, do qual eu participei, pelos colombianos Roberto Rodrigues e Juan Mojica e pela chilena Tereza Queiroz, que fazem a crítica do desenvolvimentismo e introduzem o debate de um certo marxismo no Serviço Social latino-americano. Veja bem, não é um debate de Marx no Serviço Social latino-americano, mas um debate do marxismo pela via da epistemologia, quase que separando o materialismo dialético do materialismo histórico, onde a preocupação era com o método, com a relação teoria e prática, e que teve um papel muito importante, no plano da formação profissional. Existem dois livros desta época, um deles chamado Compendio sobre metodologia para el Trabajo Social, publicado pela Editora Ecro, de Buenos Aires, e um outro sobre o debate da metodologia do Serviço Social, em que aparece o Método BH, além de algumas outras propostas que exemplificam claramente esse momento. Também nesse período, nos anos 70, o Chile, através do professor Vicente de Paula Faleiros, publica um livro com o projeto da Universidade de Val Paraíso, que na época era a mais avançada, a mais radical do Serviço Social latino-americano. Isso porque o Chile vivia um momento em que o próprio Estado propugnava uma transição para o socialismo, em que as universidades tinham uma articulação muito direta com as fábricas, com as unidades fabris, ou seja, o Serviço Social chileno avançou porque o movimento social chileno era o mais avançado até o golpe de Estado, e que requeria dos profissionais, um outro tipo de resposta. Enfim, para sintetizar, o Movimento de Reconceituação foi amplamente condicionado pelas particularidades nacionais e eu acho que hoje o Serviço Social latino-americano também é profundamente influenciado pelas particularidades dos países da região, como a crise Argentina, toda a radicalização do neoliberalismo no Chile, todo o processo político peruano, com Fujimori, e seus desdobramentos, e outros exemplos que não caberiam nos limites da entrevista. Em suma, o Serviço

Social não é alheio à história, ele é parte da história dos países e a história dos países condiciona profundamente o desenvolvimento profissional do Serviço Social latino-americano.

PROEALC – As novas transformações societárias têm influenciado o Serviço Social na América Latina, de que forma?

Marilda – Eu acho que, em níveis diferenciados mas com a mesma radicalidade, o que nós passamos no Brasil é o que os outros países também passam, ou seja, o projeto neoliberal e o processo de reestruturação produtiva nos marcos da mundialização do capital vêm implicando numa radicalização da questão social, na redução das responsabilidades públicas governamentais ante as necessidades das grandes maiorias da população, com outro processo de privatização da coisa pública em que eu acho que o Chile é a maior expressão latino-americana. Vivenciamos um processo muito sério de privatização da saúde, da educação, e das políticas públicas que condiciona claramente um tipo de condição da ação profissional. Uma coisa é você trabalhar com os direitos sociais universais, outra coisa é você trabalhar com a compra e venda de serviços, e aí você está na esfera do direito do consumidor, que é muito diferente. Nesse contexto tem-se uma intermediação do dinheiro que supõe o assistente social intermediar a compra e venda de serviços. Eu acho que esse processo que nós estamos vendo de ampliação da privatização no campo das políticas públicas, da prestação de serviços sociais é comum à realidade latino-americana. Entretanto, não podemos negar algumas diferenças no plano da reação a essa situação que nos é comum. A Argentina, por exemplo, tem uma tradição muito forte de luta social, de cidadania, muito diferente do Brasil e do quadro chileno. A Argentina, em função da sua história, sempre teve um protagonismo político muito forte dos seus cidadãos e exatamente por isso eu acho que a tensão social na Argentina é muito forte e se tem feito uma enorme resistência na defesa da universidade pública. Vale lembrar que a Argentina não tem vestibular, a universidade é de livre acesso e a seleção se faz ao longo do curso. Eu acompanhei uma Escola em que o ingresso era de cerca de 700 alunos, e ao final da primeira prova parcial (eles têm esquema de cátedra ainda, não passaram pela reforma universitária que nós passamos) teve uma enorme redução de alunos, ou seja, era o próprio curso que filtrava aqueles alunos que permaneceriam na universidade e isso mostra também uma outra realidade de formação profissional. Enfim, eu diria que essas transformações vêm influenciando o Serviço Social na medida que elas vêm fazendo uma contra-reforma do Estado latino-americano, reduzindo os direitos sociais, reduzindo a qualidade da prestação dos serviços sociais. E como o assistente social é um profissional que trabalha a partir da questão social, com os direitos sociais e os meios de acessá-los, viabilizando à população meios de acesso e de exercício dos seus direitos, a medida em que esses direitos são desmontados isso afeta diretamente a ação profissional, ainda que você tenha todo um processo de resistência que não podemos desconhecer. O livro da professora Laura Tavares, "Os Custos Sociais do Ajuste Neoliberal na América Latina" dá uma visão mais precisa, mais sistemática, da realidade da questão social do Estado na América Latina.

(continua no próximo número)

• **Entrevista realizada na Faculdade de Serviço Social da UERJ, em 6 de novembro de 2001, pelos estagiários do PROEALC: Aline Silveira de Assis, Bianca Messias Patacho, Douglas Ribeiro Barboza (Bolsistas de Estágio Interno Complementar) e Viviane Pereira da Costa (Bolsista de Extensão).**

Espaço Aberto

O Fundamentalismo da Imprensa

Janaina Bilate Martins *

Neste início conturbado de século XXI, a imprensa, mais do que nunca, desempenha um papel central na disseminação de ideologias e construção de consensos. Conhecida como o "quarto poder", a imprensa hoje

consiste no principal aparelho privado de hegemonia, sendo constituído de profissionais que atuam diretamente na formação das opiniões de modo a propagar a manutenção e o aprofundamento do *status quo*.

Nos últimos três meses estamos assistindo à maior manipulação dos meios de comunicação, principalmente da mídia televisiva, que nem mesmo Antonio Gramsci ao analisar a importância dos aparelhos privados de hegemonia havia imaginado. O conflito iniciado em 11 de setembro tem uma peculiaridade: os ataques estão sendo transmitidos em tempo real, tanto pelas redes de televisão aberta e canais por assinatura, quanto pela rede mundial de computadores. A partir do ataque a Nova Iorque, praticamente todas as sociedades ocidentais – no sentido gramsciano – parecem assistir a um filme nos melhores moldes de Hollywood, onde o consenso da maioria é dirigido de modo a exaltar a habilidade dos americanos em elaborar estratégias de guerra, fazer alianças e bombardear montanhas.

O presidente norte-americano, George W. Bush, sem saber como conquistar o apoio da população após o vexame eleitoral que o levou à presidência de forma duvidosa, resolveu apelar para o sentimento de defesa do Território Nacional de forma que seu objetivo belicista de origem familiar pudesse ser atingido. Porém, parece-nos que seu alvo encerra uma amplitude bem maior do que capturar o principal suspeito dos atentados, Osama Bin Laden.

Conforme o consenso é manipulado e um fundamentalismo de opinião é instaurado, o mundo acaba sendo dividido em dois pólos: os que são a favor dos Estados Unidos e os que são contra a liberdade, a democracia, a justiça, seus aliados e finalmente contra Deus. Enquanto a atenção da população está voltada para a "guerra ao terror", como define a imprensa, uma questão pertinente à América Latina é ofuscada. Cabe mencionar que os defensores e propagadores do fundamentalismo de mercado são os EUA e, portanto, quando nos colocamos de forma a construir uma contra hegemonia que impeça a liqüidação do território latino-americano por parte das nações capitalistas avançadas, em especial o protagonista desta guerra, significa, nas entrelinhas, que estamos a favor do terrorismo já que estamos defendendo a consolidação de um bloco contra a continuidade da economia mundial na forma que está posta.

Vale ressaltar que a Área de Livre Comércio das Américas, a ALCA, está prevista para ser assinada em 2005 e, cooptando o consenso mundial como tem feito Bush de maneira que sejam divididos dois pólos mundiais opostos – os que estão do lado do "bem" e os que estão do lado do "mal" –, corremos um sério risco de, no afã e necessidade de se consolidar um bloco contra hegemônico, o Mercosul, estaremos, principalmente as facções de esquerda, sujeitos a sermos taxados de terroristas e, na hipótese mais pessimista, sermos assolados mais uma vez por ditaduras financiadas pelo poder hegemônico, só que desta vez sob o lema de conter o terrorismo internacional.

A importância dos meio de comunicação na construção do consenso da sociedade civil é aceita principalmente em sociedades governadas por Estados coercitivos. Exemplo disto víamos no próprio Afeganistão, onde durante o domínio do território pelo Talibã, o país recebia ondas de apenas uma única rádio sediada no Paquistão, que era pertencente à estatal britânica BBC, e que transmitia três vezes por semana uma novela de quinze minutos para a população. Nos mais perfeitos moldes do teatro político dos anos 50 e 60 e do atual Teatro do Oprimido, dirigido por Augusto Boal, a novela *Naway kor, naway jwand* (*Casa nova, vida nova*) exibia em seus capítulos noções de higiene e proteção, histórias de amor, de brigas corriqueiras e orientava uma população destruída pela guerra civil e que hoje sofre com os bombardeios "contra o terror", que já atingiram prédios da ONU e Cruz Vermelha matando centenas de civis. Sob o fundamentalismo do Talibã, a novela não podia politizar mas podia informar a população desde que a rede não fizesse referências diretas às questões mais ameaçadoras ao controle da milícia, como a Aliança do Norte e a caçada a Osama Bin Laden após os ataques às torres gêmeas em Manhatan. O esforço de manter os civis informados, mesmo que com altas doses de censura, reflete o papel central que os meios de comunicação desempenham na atualidade.

Retomemos nossa análise da mídia no mundo ocidental: porque as provas contra Bin Laden não foram veiculadas na imprensa, tendo sido mostradas somente aos Chefes de Estado que visitavam Bush pessoalmente? Não estariam as notícias da guerra desviando a atenção da população latino-americana no que tange a verdadeira intenção de instalar bases militares na América Latina e em especial da polêmica da criação da base de Alcântara no Brasil, onde, se for realmente instituída, nem o presidente da república poderá entrar no local? E a implantação da ALCA? E a movimentação para a segunda edição do Fórum Social Mundial, não estaria ameaçada de ser taxada de "Encontro Anual dos Terroristas dos Países Dependentes"?

É evidente que a atuação da mídia necessita de um estudo mais aprofundado, porém estamos aqui superficialmente levantando algumas questões reais que estão sendo ofuscadas pela "sociedade do espetáculo", parafraseando Bernard Cassen, e que desviam a atenção da sociedade civil dos problemas inerentes ao terror norte-americano implantado, tanto nos países latino-americanos dependentes economicamente, quantos nos países árabes ricos em petróleo, em muitos dos quais não há sequer uma constituição, permitindo que a exploração de suas riquezas naturais pelos EUA seja exercida sem maiores fiscalizações.

Enquanto o mundo assistia ao vivo o ataque dos aviões em Nova Iorque e Washington onde estima-se que de 6000 à 7000 pessoas tenham sido mortas, milhares de seres humanos continuavam à beira da morte por falta de suprimento das necessidades básicas diárias, como alimentação e saúde. Não estamos nesse artigo defendendo o terrorismo praticado desde há muito tempo por fundamentalistas islâmicos e grupos separatistas como o Exército Republicano Irlandês (I.R.A.) e o Grupo Separatista Basco (E.T.A.), mas estamos igualmente expondo nossa indignação ao tratamento dispensado pela imprensa ao terrorismo silencioso praticado nos moldes das leis ortodoxas de livre mercado. Segundo dados da ONU, cerca de 36 milhões de pessoas morreram em 2000 por falta de alimentação, mas estes dados, quando divulgados, são feitos com breves notas em jornais ou televisão, ao passo que os mortos do WTC são constantemente lembrados e homenageados. Não estamos nos colocando contra às homenagens feitas aos civis mortos nos atentados, mas vale lembrar que países da África, Ásia e América Latina perdem muito mais civis diariamente devido a pobreza e miséria, acentuadas principalmente após o Consenso de Washington, do que os EUA perderam no dia 11 de setembro.

De fato, não se pode fechar os olhos para o novo rumo que o terrorismo tomou nos últimos anos. Contudo, a população dos países dependentes latino-americanos não pode ser manipulada pelo fundamentalismo dos meios de comunicação e desviada do objetivo de afirmar a América Latina como importante pólo econômico no cenário mundial, onde há países ricos em recursos naturais a serem explorados, os quais muitos deles, principalmente o hídrico, encontram-se escassos nas potências mundiais.

* Janaina Bilate Martins - mestranda do PPGSS (Programa de Pós-Graduação em Serviço Social).

Livros lançamentos

O Local e o Global, de Elenaldo Teixeira (co-ed. UFBA/EQUIP).

- **Questão agrária, pesquisa e MST, de Bernardo Mançano Fernandes. (Questões 92).**
- **A História da Luta pela Terra e o MST. (expressão popular).**
- **Visões da Mídia sobre os Talibãs, de Marcos Bello.**
- **Mercosul em Debate, org. de Silene de Moraes Freire. (EdUERJ).**

Agenda Acadêmica

•27 a 30 de novembro: II Seminário Nacional "Relações Raciais e Educação: a produção de saberes e práticas pedagógicas". Inscrições: de 2a a 6a de 13 às 17h, até 27 de novembro. End.: Av. Visconde do Rio Branco, 822 - Bloco D, Sala: 509 - Campus Gragoatá - Niterói - RJ.

•4 de dezembro: debate e lançamento do livro "A História da Luta pela Terra e o MST" (expressão popular). Auditório 91 da UERJ às 19:30h.

•Em março, julho, setembro e novembro de 2002, a AUNA - Asociación para la Unidade de Nuestra América (Cuba), estará realizando Congressos e Seminários (um em São Paulo e três em Havana) para discutir as relações dos EUA com Cuba e os demais países Latino-americanos.

Expediente

Reitor
Profª Nilcéia Freire
Vice-reitor
Profº Celso Pereira de Sá
Sub-reitor de Graduação
Profº Dr. Isac José Vasconcellos
Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Profª Dra. Maria Andréa Loyola
Sub-reitor de Extensão e Cultura
Profº Dr. André Lázaro
Diretora do Centro de Ciências Sociais
Profº Dra. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves
Coordenadora do PROEALC
Profª Dra. Silene de Moraes Freire
Editora Responsável
Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Assistente Editorial
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Coordenação de Produção
André Felipe Carvalho Silva (PROEALC/FSS/UERJ)
Andreia de Souza de Carvalho (PROEALC/CCS/UERJ)
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Janaina Bilate Martins (PPGSS/FSS/UERJ)
Colaboradores
Janaina Bilate Martins (PPSFSS/UERJ)
Projeto Gráfico
Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)
Diagramação
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Revisão
Janaina Bilate Martins (PPSFSS/UERJ)